

PARA ALÉM DAS VANGUARDAS NACIONAIS: PATRÍCIA GALVÃO E A INTERFERÊNCIA DO SURREALISMO FRANCÊS

COELHO. De Oliveira Liziane¹;
DUARTE. Baptista. Kelley. (Orientadora)²

¹Universidade Federal do Rio Grande – lizideoliveiracoelho@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – kellyduarte@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, proponho-me realizar uma análise que julgo pertinente no que se refere à trajetória da produção literária de Patrícia Galvão. Nesse sentido, retomo algumas ideias que a vinculam não apenas à Vanguarda brasileira. Julgo necessário reavaliar esse aspecto por acreditar na importante interferência do surrealismo francês naquilo que a autora tinha como “verdadeiro fazer literário”, pois suas ideias, enquanto escritora e crítica de literatura estão intimamente interligadas a esse movimento literário.

Desse modo, utilizo como objeto de análise as poesias de Patrícia Galvão, “Natureza Morta” (1948) e “Nothing” (1962), na tentativa de buscar os elementos surrealistas engendrados à sua escrita poética. Em consonância a esse estudo, procuro estabelecer um diálogo entre a produção de Patrícia Galvão e Antonin Artaud e as relações entre vida e poesia. Para tanto, busco embasar minhas investigações nos estudos de P. LEJEUNE (2005) e A. CANDIDO (1989) acerca dos aspectos biográficos na poesia.

As indagações recaem sobre como essas aspirações chegaram até ela e de que forma tais tendências literárias alimentam a escrita da autora. Os círculos de intelectuais frequentados por ela e suas preferências literárias são reveladores na investigação que avalia o perfil de P. Galvão. Com isso, importa ressaltar também a necessidade de focar o estilo estético de escrita adotado por P. Galvão.

2. METODOLOGIA

Para entender a forte relação que o movimento exerceu sobre P. Galvão, foi preciso, primeiramente, compreender as ideias que permearam os ideais do surrealismo francês. Quando utilizo a palavra “movimento”, não tenho a intenção de denominá-lo como determinado período, com normas e prescrições. Mas, refiro-me a um grupo específico de intelectuais que liderou os princípios do pensamento surrealista francês. Isso porque o que guia a vertente surrealista é

justamente o rompimento com as regras normativas da criação poética. “Muitos daqueles que ouvem falar pela primeira vez do surrealismo preocupam-se em saber o critério que permite decidir se uma obra plástica é ou não surrealista. Será que é necessário repetir que esse critério *não é de ordem estética?*” (Breton, 1947, p. 100). Por meio do discurso de André Breton, um dos principais teóricos do surrealismo francês, é possível perceber que, quando se trata do surrealismo, não existem critérios estéticos, ou seja, há uma subversão de regras. Algo que verifica-se nas principais fontes para a realização dessa pesquisa, como os estudos de R. PONGE (1991) e F. MÈREDIEU (2011). Tendo em vista o nome de Antonin Artaud como um escritor que se sobressai no movimento surrealista, assim como Patrícia Galvão, na Vanguarda brasileira, procuro estabelecer um diálogo entre as produções de ambos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita poética de P. Galvão demonstra sempre um sentimento de inconformismo e um pessimismo intenso diante do mundo, apresentando uma subjetividade pungente. Por esse motivo, em minha análise, constatei que a autora fosse, em termos de produção poética, seguidora tanto dos ideais da antropofagia brasileira como do surrealismo francês. É evidente, ao longo desse trabalho, que a autora traça o seu próprio percurso, desvencilhando-se de qualquer tipo de classificação. Para que seja compreensível essa revolta ou pessimismo no espírito surrealista, diante das coisas do mundo, é importante esclarecer que os pilares que sustentam o nascimento do pensamento surrealista estão intimamente ligados ao sentimento de insatisfação. Para R. Ponge, “o surrealismo não podia nascer e encontrar espaço para brotar numa sociedade satisfeita consigo mesma” (Ponge, 1991, p. 18). Essa insatisfação, a qual se refere o pesquisador Robert Ponge é, na verdade, a própria inquietação que nasceu com o surrealismo.

O que alimentou as ideias modernistas das vanguardas brasileiras foi essa inquietação e aspiração por mudanças trazidas das vanguardas europeias, sobretudo do surrealismo que se mostrou como espaço de experimentação e ousadia. Talvez nem todos os artistas que participaram da Semana de Arte Moderna no Brasil tenham conseguido. Eles almejavam adaptar uma ideia europeia para a realidade brasileira, sem que houvesse tempo necessário para a

compreensão e absorção das novas tendências. Patrícia Galvão não só esteve entre os intelectuais brasileiros como participante ativa da *Revista Antropofagia* (1929), como também conviveu em 1934, em Paris, com os surrealistas Aragon, André Breton, Paul Eluard, Benjamin Péret e René Creval.

Dessa forma, acredito que esse contato direto com os escritores do Surrealismo francês é o ponto central, para que P. Galvão, de certo modo, se distancie da Literatura produzida por seus contemporâneos, no Brasil. Nem todos os escritores brasileiros tiveram o contato, ou mesmo a oportunidade de conviver, com os principais nomes do Surrealismo europeu. Apesar de as investigações para esse estudo não terem chegado a nenhuma produção de Patrícia Galvão no exílio, em Paris dos anos trinta, as experiências das relações estabelecidas com escritores franceses, principalmente, são perceptíveis em sua produção, no retorno ao Brasil. Sua produção jornalística das décadas de quarenta e cinquenta sofre essa interferência.

4. CONCLUSÕES

Por meio da realização dessa análise, busquei localizar a produção da autora justamente na proposta de inovação artística, a poesia como espaço de expressão da vida, na escrita de P. Galvão. Com isso, a linguagem poética utilizada pela autora não reconstrói as memórias lineares do passado, mas expressa os sentimentos relacionados aos episódios vividos ou lembrados. Pensar a trajetória de produção de A. Artaud é essencial para que se possa evidenciar de que forma seus princípios poéticos se aproximam da Literatura defendida e produzida por P. Galvão. A prática epistolar de Artaud, que se desdobrou numa sequência narrativa diária dos famosos “caderninhos escolares”, também é importante. Essa produção é de seus últimos anos no Asilo de Rodez e contém, no mesmo espaço da escrita, desenhos de seu próprio corpo, de forma transfigurada. É F. Mèredieu quem explica essa criação: “Artaud duplica-se e multiplica-se a partir de um mundo que ele constrói peça por peça e povoa com suas criações, de seres e de formas tiradas de seu próprio corpo” (Mèredieu, 2011, p. 777).

O exílio do convívio social para Antonin Artaud e Patrícia Galvão parece ter motivado o exercício de uma escrita diária de si mesmo, misturada a uma poética que provém do próprio corpo dilacerado. Ainda que tenham escrito em contextos e situações distintos, ambos produziram uma escrita efervescente em momentos

de suas vidas que, de certa forma, se assemelham. P. Galvão também passa por esse período de reclusão. A. Campos (2014) calcula quatro anos e meio em presídios políticos, mais os cinco anos de sua última prisão de 1935 a 1940. Dessa última, resultaram suas cartas reunidas em forma de livro: *Paixão Pagu* (2005). A. Artaud também escreveu no isolamento. Em seus últimos anos no Asilo de Rodez, abandonado, deu início a uma produção em cadernos que, de acordo com Mèredieu: “adquirem a função de diário, em que é possível observar os acontecimentos, constituindo uma espécie de referência da memória” (Mèredieu, 2011, p. 780-789).

A tentativa de estabelecer um diálogo entre a escrita de Patrícia Galvão e Antonin Artaud resume-se em apontar a origem dessas produções, ou seja, os elementos que inspiraram a produção e que estão na base da própria vida. Mesmo que estejam em contextos e circunstâncias distintas, as duas produções citadas, produzidas no isolamento, se assemelham em seus propósitos, ou seja, a desesperada tentativa de suportar a reclusão em que se encontravam, assim como a violência à qual seus corpos foram expostos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAMPOS, Augusto. *Pagu Vida e Obra*. São Paulo: Cia das Letras, 2014
- CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: **A Educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- COLONNA, Vincent. Tipologia da autoficção. In. NORONHA, Jovita M. G. (Org). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- FLORES, Maria B. Dizer a infelicidade. São Paulo: Revista eletrônica Gênero, 2010.
- LEJEUNE, Philippe. **Je est un autre**. Paris: Seuil, 1980.
- _____. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.
- _____. **O pacto autobiográfico**. De Rousseau à internet. Or. Jovita M. G. Noronha. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2014.
- LINS, Daniel. **Estética como Acontecimento**. O corpo sem órgãos. Apresentação de Antonio Carlos Amorim. São Paulo: Lumme, 2012.
- MÈREDIEU, Florence de. **Eis Antonin Artaud**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- PONGE, Robert. O Surrealismo. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1991.